

AS CERIMÔNIAS DE *ADVENTUS* DE SEPTÍMIO SEVERO E CARACALA

Ana Teresa Marques Gonçalves

Professora de História Antiga e Medieval da UFG

O *adventus* de Septímio Severo em Roma, em 202 d.C., após as conquistas orientais, foi tão magnífico que várias moedas foram cunhadas para comemorá-lo e divulgá-lo. Por exemplo, cunharam-se em Roma denários com a legenda ADVENT. AVGG. no reverso, legenda esta posta sobre a imagem de Septímio a cavalo com roupas militares, tendo atrás dele alguns soldados (BMC, V, n. 304 a 306).

Septímio recebeu várias aclamações nesta entrada na cidade de Roma. Ele já havia recebido aclamações de suas tropas durante as campanhas contra Clódio Albino e tinha retribuído este voto de apoio com a distribuição de um *donativum* aos soldados (Herodiano, III, 6.8). Segundo Gregory S. Aldrete, as aclamações eram gritos ou gestos de aprovação ou desaprovação aos atos imperiais. Elas eram usadas para atingir três objetivos básicos: apoiar, criticar ou pedir algo ao Príncipe em pessoa. Eram realizadas por senadores, soldados e membros das plebes urbanas, quando tinham a oportunidade de se aproximar do soberano. Normalmente, aconteciam nas festividades, como os aniversários imperiais, as procissões religiosas, os triunfos, o *adventus* nas cidades e nos momentos de ascensão dos Imperadores. Elas garantiam ao Príncipe a divulgação e a demonstração pública de sua legitimidade pelo reconhecimento. Porém, com a permanência do sistema do Principado, as manifestações espontâneas passaram a ser cada vez mais controladas (Aldrete, 1999:85-87). Conhecem-se fórmulas que eram usadas nas aclamações (Aldrete, 1999:128) e, no caso do *adventus*, as elites provinciais eram avisadas da visita imperial com antecedência e preparavam a cidade e a população para receberem o soberano.

Para A. Momigliano, estas manifestações públicas há muito tempo eram impostas por governantes zelosos a súditos indiferentes (Momigliano, 1992:171). Todavia, acreditamos que os súditos não eram tão indiferentes assim à presença imperial, até porque ela era rara, e eles podiam se aproximar do soberano não apenas para homenageá-lo, mas também para pedir mais benesses.

A proteção de romanos influentes ou o favor da própria família imperial era de grande importância para as cidades, por isso era visto como um privilégio poder receber a visita de um Príncipe e, antes disso, fazer construções para recebê-lo. Como normalmente as cidades dentro do Império não podiam guerrear entre si, elas buscavam se superar em títulos, em magnificência nos edifícios públicos e nas vantagens que conseguiam junto ao poder central para os seus habitantes. Por isso, o dinheiro muitas vezes era gasto em estátuas, edifícios, bustos e festas em homenagens aos poderosos. Para sustentar o próprio prestígio e o da cidade, os notáveis locais tinham grandes despesas, buscando dar boa impressão ao governador local ou ao Imperador, quando lhe era possível, superando os rivais (Levick, 1989:15-21). Além disso, imitando a magnificência de Roma, os homens de posse das cidades provinciais buscavam demonstrar a sua *romanitas*, sua fidelidade a um estilo de vida romano. O desenvolvimento arquitetônico de uma cidade aumentava a possibilidade de promoção da própria comunidade, por isso seus habitantes mais ricos tentavam conseguir a atenção do Imperador pela construção de termas, basílicas, aquedutos, arcos, templos, bibliotecas, entre outras construções, na maior parte das vezes dedicadas ao Príncipe reinante (Drinkwater, 1989:34-35).

O *adventus* do Príncipe nas cidades visitadas era uma grande festa, não apenas em Roma, mas em todas as cidades nas quais o Imperador entrava. Era uma prática antiga de Septímio visitar as cidades pelas quais passava, pois como recorda Herodiano: “onde o Imperador se encontra ali está Roma” (Herodiano, I,6.5). Então, receber o Príncipe com festa era como demonstrar a aceitação do domínio imperial romano, era fazer festa para a própria Roma encarnada no soberano.

Para Sabine G. MacCormack, na cerimônia do *adventus* passava-se a imagem do *consensus omnium* ideal, fundamental para legitimar o governante, pois participavam da mesma alegria pela chegada do soberano pobres e ricos, senadores e plebeus, civis e militares. Tratava-se de um esplêndido teatro, no qual o Imperador estabelecia relações de troca com os homens e com os deuses. Com os homens pelos benefícios que concedia após a acolhida; com os deuses pelos sacrifícios que realizava ao longo da recepção (MacCormack, 1981:17-23). A procissão de boas vindas servia, deste modo, para realçar a dignidade e a autoridade da pessoa que entrava na cidade. No Principado, somente o Príncipe passou a ter direito ao *adventus*, o que mais uma vez permite aproximar este evento festivo do Triunfo, que também só podia ser dado ao Imperador, pois, nos dois casos, era visto como um general vitorioso e como chefe de Estado. Era a possibilidade de ter a presença de um ser cada vez mais distante de seus súditos, só conhecido por intermédio de moedas e de estátuas. Este cerimonial foi se desenvolvendo tanto que no IV século d.C. a chegada do Imperador era vista como um *deus praesens* (MacCormack, 1972:721-752).

Antes mesmo de ser reconhecido pelo Senado, Severo já era recebido com coroas de louros nas cidades itálicas, quando se dirigia a Roma para ratificar seu título de *imperator*, recebido de suas legiões em 193 d.C. E aproveitava esta recepção das cidades itálicas para fazer pequenos discursos, nos quais, possivelmente, defendia sua aceitação para o trono imperial (Herodiano, II, 11.6). Septímio, contudo, manteve esta prática de discursar nas cidades pelas quais passava ao longo de todo o seu governo (Herodiano, II, 15.6), pois era uma chance única de se dirigir diretamente aos provinciais.

Quando entrou em Roma pela primeira vez, após ser aclamado pelas suas tropas, foi recebido também com coroas de louros e aclamações (Herodiano, II, 14.1), e promoveu espetáculos assim que se desvencilhou de Dídio Juliano e foi reconhecido pelo Senado (Herodiano, II, 14.5) em 193 d.C. Segundo Dion Cássio, a entrada de Septímio em Roma foi um espetáculo marcante:

“Depois de ter feito isso (o desarmamento dos Pretorianos), Severo entrou em Roma. Ele avançou pelos portões montado a cavalo e com a roupa da cavalaria, mas ele trocou sua roupa para um traje civil e prosseguiu a pé, e o exército, tanto a infantaria quanto a cavalaria, acompanhavam-no totalmente armados. Este espetáculo foi o mais brilhante que eu testemunhei. A cidade foi toda adornada com guirlandas de flores e ramos de louros e adornada com vários materiais coloridos, e foram acesas tochas e queimados incensos. Os cidadãos vestiram roupas brancas e tinham os semblantes radiantes, gritando os bons augúrios que precediam Severo. Os soldados também distinguiam-se de forma proeminente em suas armas como se desfilassem numa procissão festiva. E finalmente nós senadores caminhávamos com magnificência” (Dion Cássio, LXXV, 1.3).

Deste modo, Severo já estava acostumado a entrar em Roma de forma triunfal, tanto que Dion compara a entrada de seus soldados armados a uma procissão festiva. Destarte, deve-se ressaltar a preocupação de Septímio em trocar sua postura militar por uma posição mais civil ao entrar em Roma em 193 d.C., tanto que desceu do cavalo após transpor os portões da cidade e trocou de roupa, para não assustar a plebe e os senadores, mas manteve sua escolta armada, temendo a presença na cidade de homens armados contrários a ele (Herodiano, II, 14.1). A cidade se preparou para a entrada de Severo, enfeitando-se com flores, tochas e incensos. Até os cidadãos se engalanaram para a festa, tanto que Dion comenta que foi o mais brilhante espetáculo que testemunhou. Soldados, plebeus e senadores se encontraram nesta cerimônia de recepção para o novo Imperador, como pedia a tradição.

Quando retornou a Roma em 197 d.C., após derrotar Clódio Albino, mais uma vez foi recebido com ramos de louro. Para retribuir o apoio, Septímio mandou distribuir um *congiarium* para a plebe de Roma, e recebeu, então, saudações no Senado (Herodiano, III, 8.4).

A História Augusta também retrata os jogos de gladiadores que Severo patrocinou em Roma, antes de partir da cidade (*profectio*) para lutar contra os Partos. Na mesma ocasião, distribuiu um donativo para a população e recebeu uma ovação (HA, Vida de Severo, XIV). Portanto, havia celebrações na chegada e na partida da cidade de Roma. Na chegada, como forma de agradecer a presença do Imperador e na partida, para desejar sucesso no empreendimento a ser realizado. As ovações integravam a mesma categoria de manifestações públicas das quais faziam parte as aclamações, os *vota* e as saudações. Eram formas de se louvar o caráter e os atos dos soberanos, e em troca desta manifestação pública de apoio esperava-se que o soberano se manifestasse, distribuindo algum tipo de benesse.

De acordo com H. Mattingly, as festas de *decennalia* e as cerimônias de *adventus* eram momentos privilegiados para a formulação dos *vota publica*, pedindo às divindades a proteção dos Príncipes, além da tradicional festa de três de janeiro, na qual se dedicavam pedidos aos deuses em favor dos soberanos e de suas famílias (Mattingly, 1950:156). Sabemos da conexão destas festividades com os *vota* por intermédio do estudo numismático. Por exemplo, durante os festejos dos *decennalia* de Septímio foram cunhadas moedas com a legenda *Vota Publica* no reverso (BMC, V, n. 36 – denário cunhado em Roma), em torno da imagem de Septímio de pé, velado, fazendo uma libação com uma *patena* sobre um altar. O mesmo já havia anteriormente ocorrido no *adventus* em Roma de 197 d.C., quando se cunharam moedas com a mesma legenda e com a mesma imagem (BMC, V, n. 177 – aureo cunhado em Roma).

Caracala, por sua vez, também executou, ao longo de seu governo, várias cerimônias de *adventus* memoráveis. Após a morte de Severo e a vitória sobre os Bretões, Caracala voltou para Roma e foi recebido com um grandioso *adventus*, descrito por Herodiano:

“Quando chegaram a Roma (Geta e Caracala), o povo os recebeu com ramos de louro e o Senado apresentou-lhes saudações. Os dois irmãos abriam a procissão vestidos com a púrpura imperial e, atrás deles, seguiam os cônsules em exercício, levando a urna que continha os restos mortais de Severo. Todos os que haviam ido saudar os novos Imperadores se prosternavam ante a urna. O cortejo seguiu dando escolta à urna até que ela fosse depositada no templo onde se veneram os sepulcros de Marco e de seus predecessores (o Mausoléu dos Antoninos). Logo depois de celebrar as cerimônias e os rituais de entrada de Imperadores na cidade, os dois irmãos se dirigiram ao Palácio” (Herodiano, IV, 1.3-4).

Mais uma vez, há a narrativa de uma festa para recepcionar os novos Imperadores. Nela se comemoram a vitória sobre os Bretões, a chegada dos dois novos Príncipes e da urna com as cinzas de um Imperador que seria divinizado. Há a presença da plebe, dos senadores e dos magistrados, a organização de saudações e de cerimônias para marcar a presença dos líderes entre seus súditos. A cidade se movimentava e se organizava para recepcionar a chegada de três Augustos: dois no poder e as cinzas do terceiro. Os súditos teriam feito uma reverência, a *proskynesis*, na passagem da urna imperial, pois o Imperador cujas cinzas se encontravam na urna seria divinizado. Segundo Gonzalo Bravo, este ritual teria sido introduzido em Roma por Galério, no IV século d.C. (Bravo, 1997:177-191), mas a partir da análise desta passagem de Herodiano, podemos inferir que o hábito da *proskynesis* já era praticado anteriormente em Roma, no que se refere, ao menos, às cinzas dos soberanos mortos.

Herodiano também narrou a entrada de Caracala em Alexandria:

“(…) (Caracala) Chegou à Antioquia, onde foi recebido suntuosamente. Passou ali um certo tempo até que se pôs a caminho para visitar Alexandria, com o pretexto de ver a cidade fundada em honra de Alexandre e honrar ao deus que aquele povo venerava especialmente (Serapis). Alegava, pois dois importantes motivos: o culto ao deus e a memória do herói. Ordenou, portanto, que se preparassem solenes sacrifícios de reses e oferendas de todo o tipo em honra do herói. Tão logo estas notícias chegaram aos

habitantes de Alexandria, povo naturalmente irreflexivo e facilmente influenciável, eles ficaram gratamente surpresos ao se inteirarem do extraordinário afeto do Imperador. Em consequência, prepararam para ele uma recepção como jamais – diziam – haviam dado a um Imperador. Por todo lado havia instrumentos musicais de todos os tipos que executavam um variado concerto. Fragrâncias de todos os tipos de perfumes e incensos invadiam as entradas da cidade. Honraram os passos do Imperador com tochas acesas e chuvas de flores. Assim que entrou na cidade com todo o exército, ele se dirigiu ao templo, onde realizou diversos sacrifícios e cobriu os altares com incenso. Depois marchou até a tumba de Alexandre. Lá tirou seu manto de púrpura, seus anéis de pedras preciosas, seu cinturão e tudo o que levava de valor e depositou sobre o sepulcro do herói” (Herodiano, IV, 8.6-9).

A partir deste pequeno fragmento da narrativa de Herodiano, vemos como se dava a cerimônia de *adventus* de um Imperador numa cidade oriental. A cerimônia era muito parecida com a realizada em Roma. A cidade recebia a notícia antes da chegada do soberano e começava a se enfeitar para receber o mesmo. Sua entrada com o exército realmente parecia uma procissão religiosa ou um triunfo, pois vinha cercado de homens armados e vestindo a púrpura. Pela descrição dos objetos que foram depositados na tumba de Alexandre Magno, podemos ver as insígnias imperiais que Caracala ostentava em momentos de festa: manto púrpura, anéis de pedras preciosas e cinturão. Estas insígnias davam ao Príncipe um aspecto majestoso que o diferenciava dos outros homens. A música, os odores de perfumes e incensos, as flores e as tochas acesas aparecem tanto nas entradas nas cidades ocidentais, como Roma, quanto nas orientais, como Alexandria. E a cerimônia sempre terminava com o agradecimento aos deuses pela boa acolhida e pela boa viagem, mediante a realização de sacrifícios e oferendas aos deuses.

Dion Cássio também comentou esta entrada de Caracala em Alexandria. Segundo ele, os cidadãos o receberam com uma certa mística e com símbolos sagrados, sendo convidados para um banquete (Dion Cássio, LXXVIII, 22.1-3). Depois, o Príncipe teria feito um discurso no Senado da cidade e realizado vários ritos de purificação, durante vários dias, além de fazer sacrifícios de animais e até humanos para Serapis (Dion Cássio, LXXVIII, 23.1-2). Portanto, Dion deu um caráter mais orientalizador para este *adventus* de Caracala em Alexandria, diferenciando-se de Herodiano, que repete em sua narrativa a mesma fórmula de *adventus* em todas as cidades visitadas pelo Príncipe.

Interessante notar que Herodiano narrou, inclusive, a entrada de Caracala em território Parto. Tentando imitar Alexandre Magno, que havia desposado uma princesa parta, Caracala foi à Pártia para contrair núpcias com uma das filhas do rei Artabano, o que acabou não ocorrendo. Porém, ele foi inicialmente bem recebido na Pártia. É interessante notar que os Partos o receberam de forma tradicional, em termos de *adventus*, ou porque eles haviam aprendido com os romanos, após tantos anos de trocas comerciais e de confrontos bélicos, o que pode ter ocasionado uma troca cultural, ou porque eles tentaram receber o Imperador Romano da forma como estava acostumado a ser recebido, enquanto chefe de Estado, nas grandes cidades provinciais. De qualquer modo, as informações dadas por Herodiano demonstram que os Partos receberam Caracala, inicialmente, com grandes festas, antes de serem atacados em seu próprio território:

“Antonino cruzou os rios (Tigre e Eufrates) sem nenhum obstáculo e entrou em território dos bárbaros como se ele já fosse seu. Por todas as partes lhe dedicavam sacrifícios e os altares estavam cobertos com coroas de flores e oferendas de todos os tipos de perfumes e incensos. Antonino fingia alegrar-se com estas homenagens dos bárbaros. Seguiu avançando e quando já havia percorrido a maior parte do caminho, e estava próximo do Palácio de Artabano (palácio real de Arbela), este, sem esperar, saiu a seu encontro perto do rio situado diante da cidade e o saudou como noivo de sua filha e seu genro. Todo o povo

bárbaro celebrou o acontecimento. Iam coroados com flores do lugar, vestidos com dourado e roupas de várias cores, e saltavam com ritmo ao som de flautas e ao compasso dos tambores. Em suas festas, eles gostam de dançar de forma semelhante quando estão cheios de vinho” (Herodiano, IV, 11.1-3).

Percebe-se como alguns elementos encontrados nas festas de entrada dos Príncipes nas cidades ocidentais e orientais se repetem na recepção Parta. As pessoas e as cidades se enfeitaram de forma especial. Havia roupas próprias para a ocasião e, mais uma vez, odores de perfumes e incensos e música tomaram conta da população, que se regozijava, tomando vinho e dançando, criando, portanto, uma grande festa para receber um soberano.

Em todas estas ocasiões, o Imperador apresentava a imagem de um soberano poderoso e vigoroso, cuja presença iluminava e alegrava a vida dos súditos. Era recebido com festas, e aproveitava para visitar e inspecionar as várias cidades do Império e de suas cercanias, como foi o caso dos Partos, que acabaram caindo numa armadilha de Caracala. Ainda não estamos no IV século d.C., no qual a chegada de um Imperador era vista como uma epifania, como a chegada de um ser divino.

Neste período dos primeiros Severos, porém, o *adventus* ainda era uma cerimônia tradicional, que se confundia com outros tipos de procissões realizadas pelos romanos, mas que servia de palco para que o Príncipe fosse conhecido em pessoa, sem ter sua imagem apenas divulgada pelas moedas e pelas estátuas. Era um momento em que o Imperador podia demonstrar sua soberania, até mesmo através das insígnias que carregava sobre seu corpo. Por isso, estas festas eram momentos fundamentais para integrar todo o Império em torno de um só soberano.

BIBLIOGRAFIA

A) FONTES

CASSIO DIONE. *Storia Romana*. Traduzione di Alessandro Stroppa. Milano: BUR, 1998.

Catalogue du Musée du Capitole. Paris: Payot, 1912.

Dio's Roman History. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. v.9 (The Loeb Classical Library).

ERODIANO. *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Testo e versione di Filippo Càssola. Firenze: Sansoni, 1967.

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

HÉRODIEN. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. (ed.). *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink and Son, 1936. V. 4, partes 1 e 2.

_____. (ed.). *Coins of the Roman Empire in the British Museum*. London: British Museum, 1950. V.5.

The Scriptores Historiae Augustae. English translation by David Magie. London: William Heinemann, 1953. V. 1 e 2 (The Loeb Classical Library).

B) OBRAS GERAIS

ALDRETE, G. S. *Gestures and Acclamations in Ancient Rome*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

BRAVO, G. El ritual de la “Proskynesis” y su Significado político y Religioso en la Roma Imperial. *Gerión*. Madrid, 15:177-191, 1997.

DRINKWATER, J. F. L'Urbanizzazione in Italia e nelle Regioni Occidentali dell'Impero. In: WACHER, J. (org.). *Il Mondo di Roma Imperiale: Vita Urbana e Rurale*. Bari: Laterza, 1989. P. 24-60.

LEVICK, B. L'Urbanizzazione nelle Regioni Orientali dell'Impero. In: WACHER, J. (org.). *Il Mondo di Roma Imperiale: Vita Urbana e Rurale*. Bari: Laterza, 1989. P. 5-23.

MACCORMACK, S. G. *Art and Ceremony in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1981.

_____. Change and Continuity in Late Antiquity: the Ceremony of Adventus. *Historia*. Wiesbaden, 21:721-752, 1972.

MATTINGLY, H. *Roman Coins*. London: Methuen, 1936.

_____. The Imperial Vota. *Proceedings of the British Academy*. London, 36:155-195, 1950.

MOMIGLIANO, A. *De Paganos, Judíos y Cristianos*. México: FCE, 1992.